

O limite da estupidez

Os homens de bom senso imaginavam que, depois da malograda experiência da moratória decretada pelo governo Sarney — e daquela que o governo Collor de Mello vem praticando —, as pessoas bem-pensantes não dissessem tolices sobre o capital estrangeiro, os empréstimos obtidos no Exterior e o pagamento da dívida externa. Esperava-se que nada falassem, especialmente quando essas pessoas reputadas bem-pensantes ocupam importantes posições oficiais no Executivo e, quando falam, especialmente no Exterior, invocam sua condição de representantes do governo brasileiro. Se a experiência Sarney-Collor não bastasse, contava-se com o fato de que o presidente da República tem visão muito clara do papel do capital estrangeiro e da contribuição que pode dar ao desenvolvimento do Brasil. Quem leu com atenção o artigo que S. Exa. escreveu sobre o Projeto de Reconstrução Nacional terá reparado que, ao lado dos sacrifícios que espera sejam feitos pela sociedade, o Executivo conta com substancial aporte de capitais estrangeiros para impedir que no ano 2000 haja 20 milhões de desempregados. Esse capital, todos sabemos, virá sob a forma de investimentos de risco ou de empréstimos financeiros.

Para surpresa geral, é um ministro do presidente Collor de Mello quem, no Exterior, aponta a dívida externa como co-responsável pela mortalidade infantil brasileira e latino-americana. Exemplo grotesco o que o ministro

Alceni Guerra deu aos participantes da Assembléia Mundial da Saúde reunida em Genebra: imaginem-se três aviões lotados de crianças caindo todos os dias no Brasil! A culpa dessa queda não é a má manutenção dos aviões: o descabro administrativo, a politicagem que corroe e parece ainda continuar operando no Brasil. Pelo contrário, é o que o País paga da dívida externa. São os banqueiros internacionais, insensíveis à Vida (!), que impedem que se façam programas de saneamento básico e que se contenha a cólera!

Chegou-se ao limite! Não se sabe se da ignorância, da estupidez córnea ou da má-fé cínica. Concedendo o benefício da dúvida, fixemo-nos na ignorância. Se este país fosse sério e os homens que o governaram e o dirigem não padecessem da síndrome de Macunaíma, o senador José Sarney e os descendentes do ministro Dilson Funaro deveriam interpelar o ministro da Saúde, na Justiça, como é praxe hoje em dia. Realmente, se a moratória conduziu a que o País não pagasse o serviço da dívida externa, que se fez com o dinheiro economizado? Com certeza, segundo o raciocínio do ministro da Saúde, não se aplicou em saneamento básico nem em proteção à criança. O mesmo raciocínio, o ministro não é capaz de perceber em sua apoteose terceiro-mundista, aplica-se ao gover-



no de que faz parte — e por isso o presidente da República deveria chamá-lo às falas. Há mais de ano que o Brasil não paga o serviço da dívida externa — como, então, os “aviões” continuam caindo todos os dias cheios de crianças? Em algum lugar foi parar, seguindo o raciocínio do ministro Alceni Guerra, o dinheiro que deveria impedir que 350 mil crianças morram todos os anos no Brasil. Os bilhões de dólares que não foram pagos aos vorazes banqueiros teriam permitido construir redes de saneamento básico em milhares de municípios brasileiros. Nada se fez, segundo o ministro Alceni Guerra. A culpa de quem é: dele, do presidente da República ou da ministra da Economia?

O brasileiro que sofre da síndrome de Macunaíma — para a qual não há vacina eficaz, porque a bactéria que a causa tem genes morais de difícil destruição — não pode perder a oportunidade de dizer de público que o estrangeiro é responsável por tudo, na medida em que nós devemos dinheiro para eles. Nessa linha de raciocínio, deveríamos ter tomado os empréstimos para fazer Itaipu e não pagá-los, exatamente como fazem as estatais que compram eletricidade de Itaipu. O ministro Guerra e aqueles que, no governo e na oposição, pensam como ele não se deram conta de que idêntico

raciocínio está presente na cabeça do meliante quando assalta o pacato burguês que está vendo televisão: “Você é rico, pode trabalhar e ganhar de novo. Passe para cá o dinheiro!” Ninguém admitirá nenhum parentesco moral ou político com os meliantes. O problema, porém, é que as ações dos que recomendam que não se pague a dívida externa, que desejam que se responsabilize o capital estrangeiro pela incúria, pela incompetência, pela politicagem, por tudo aquilo que nos reduziu a esta situação de extrema humilhação internacional (exceto diante dos que agem e pensam como nós no Quarto Mundo), as ações desses cavalheiros, que viajam com o sofrido dinheiro do povo e falam em nome do governo brasileiro, condizem com a dos assaltantes. Lógica e moralmente são semelhantes.

Dá vergonha ver que, numa assembléia em que se deveriam discutir assuntos sérios, o representante do Brasil toma a palavra para dizer sandices dessa espécie. Pior do que sandices, fala para comprometer o governo Collor de Mello como um todo, pois se negocia agora a dívida externa brasileira e o presidente insiste na importância da poupança externa para o desenvolvimento do País. Os banqueiros e os investidores estrangeiros terão o direito de perguntar qual a mentalidade predominante no Brasil: a do presidente ou a do ministro? Se for a do presidente, indagarão, por que permite que o ministro afronte a lógica, o bom senso e, sobretudo, o bom gosto?